



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

BENEDITA CONRADO DA SILVA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

CATOLÉ DO ROCHA – PB.

2014

BENEDITA CONRADO DA SILVA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ariane Kércia Benício de
Sá Barreto

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Benedita Conrado da
Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental
[manuscrito] : / Benedita Conrado da Silva. - 2014.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino
Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto,
Secretaria de Educação à Distância".

1. Escola. 2. Avaliação. 3. Professor. 4. Formação. I. Título.
21. ed. CDD 372.12

BENEDITA CONRADO DA SILVA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da avaliação: 25 / 07 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Ariane Benício

Orientadora: Prof. Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto
(UEPB)

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador (a): Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
(UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

DEDICATÓRIA

Dedico a Maria Ismerina da Silva, uma mulher virtuosa a qual considero guerreira, sempre viu a educação como alicerce para minha vida, colocando-me e orientando-me no caminho certo para que eu realizasse o nosso sonho, a quem devo o orgulho de tê-la como mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Senhor retiro-me neste momento do visível e do cotidiano para estar na Tua presença e te agradecer pela coragem que o Senhor me dispensou durante esta caminhada na busca de mais uma conquista e que em sua infinita bondade tem feito grandes coisas por mim.

Aos meus pais pela minha existência.

À minha mãe Maria Ismerina da Silva por tudo que sou.

Aos meus sobrinhos Jailson, Jarné e Ícaro que me inspiraram diariamente encorajando-me em busca de novas conquistas.

Aos meus irmãos Ailson, Rosa, Djaira, Ildete, Iazodária e Deusiene pelo incentivo a mim dispensado para subir mais um degrau na minha formação profissional.

Aos meus professores, que souberam dar-se um ao outro para a construção dos nossos conhecimentos.

À minha orientadora Ariane Kércia Benício de Sá Barreto, pela paciência e a disponibilidade que sempre teve comigo e especialmente pela sua competência e exemplo de educadora.

“A avaliação é um processo natural, que nos permite ter consciência do que fazemos da qualidade do que fazemos e das consequências que acarretam nossas ações” (MÉNDEZ, 2005).

RESUMO

A avaliação da aprendizagem escolar é uma prática que se faz presente em todo o decorrer do trabalho do professor, existindo não para medir conhecimentos, mas para ser útil no processo de reflexão constante do ensino e da aprendizagem na sala de aula, auxiliando o professor nas suas tomadas de decisões o tempo todo, possibilitando mudanças em sua metodologia de ensino e diagnosticando o aprendizado dos alunos nas suas progressões e/ou dificuldades no decorrer do percurso escolar. Nesse sentido, este trabalho mostra a importância da avaliação na prática do professor, partindo de uma pesquisa exploratória e bibliográfica pautada pelas observações construídas ao longo do estágio supervisionado em Gestão, Educação Infantil e Ensino Fundamental e pelos estudos e reflexões de autores como Bloom (1984), Demo (2000), Esteban (2001), Hadji (2001), Hoffmann (2001), Kenski (2003), Libâneo (1994), Luckesi (2002), Moreto (2001), Sant'anna (1995), entre outros. Da sua formação acadêmica até a prática propriamente dita em sala de aula, faz-se necessário que o professor tenha consciência de que a avaliação não se limita mais a práticas tradicionais em que se avaliava para tão somente aplicar provas e verificar quem sabia ou não sabia os conteúdos trabalhados em sala de aula, mas que a avaliação cumpre um papel muito mais importante, de tomadas de decisões fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, não só do aluno, mas também, na prática do professor e nas melhorias da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Avaliação. Professor, Formação.

ABSTRACT

The assessment of school learning is a practice that is present throughout the course of the teacher's work, existing not to measure knowledge, but to be useful in the discussion of the constant teaching and learning process in the classroom. Assisting the teacher in his decision making all the time, enabling changes in their teaching methodology and diagnosing student learning in their progressions and / or difficulties in the course of schooling. In this sense, this work shows the importance of evaluation in teacher practice, starting from a literature search and exploratory guided by the observations built over supervised training in Management, Early Childhood Education and Elementary Education and by studies and reflections from authors such as Bloom (1984), Demo (2000), Esteban (2001), Hadji (2001), Hoffman (2001), Kenski (2003) Libâneo (1994) Luckesi (2002) Moreto (2001) Sant'anna (1995), among others. Of their academic training to the actual execution in the classroom, it is necessary that the teacher is aware that the assessment is no longer limited to traditional practices that apply solely to evaluating evidence and verify who knew or did not know the contents learned in the classroom, but that assessment plays a very important role in key decisions taken in the teaching and learning process, not only the student but also the teacher practice and improvements in the school.

KEYWORDS: School. Assessment. Teacher training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1- REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS A RESPEITO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	11
1.1 Gestão	11
1.1.1 Caracterização e contexto histórico da escola.....	12
1.2 Educação Infantil	13
1.2.1 Intervenção.....	16
1.3 Educação Fundamental	17
1.3.1 Caracterização da escola e relato de estágio	17
1.3.2 Intervenção	19
2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	22
2.1 O ato de avaliar: Necessárias reflexões	22
2.2 Tipos de Avaliação	26
2.2.1 Diagnóstico	26
2.3 A Avaliação Somativa	27
2.4 Avaliação formativa.....	28
3 AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: Algumas reflexões.....	29
3.1 A Avaliação da aprendizagem no contexto escolar	33
3.2 Avaliação Continuada: práticas e possibilidades.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a atenção dos profissionais da educação voltou-se com maior intensidade para as dimensões políticas e sociais da avaliação escolar, tendo em vista a necessidade da implementação de uma educação democrática e inclusiva.

Diante dessa necessidade, surgem estudos e pesquisas, que apontam para uma escola que parece não atender as demandas sociais e, conseqüentemente, apresentam propostas de avaliação bastante elaboradas, mais totalmente contraditórias, ou seja, temos uma proposta de inovação na avaliação que não se concretiza na prática.

Sobre essa contradição dos métodos avaliativos, Romão nos esclarece que:

[...] tal contradição nasce da alta censura gerada pelo descompasso entre uma imagem idealizada na avaliação e a realidade cotidiana nas escolas, condicionadas, estruturalmente, pelo sistema de promoção e seriação e, conjunturalmente, pelas péssimas condições concretas de trabalho e pelas determinações dos superiores de plantão (ROMÃO 1999, p,55).

Somando-se a isso o autor acrescenta que ainda encontramos professores trabalhando voltados para a transmissão e repetição de modelos estereotipados, empobrecendo o universo cultural dos alunos.

Neste enfoque, a filosofia da escola, seus objetivos e técnicas empregados devem ser expressos sempre que se avalia. Por isso, cada escola tem suas características próprias consolidadas em seus objetivos sócio culturais, e especialmente em sua interpretação e sistema de avaliação.

Nessa perspectiva o presente trabalho foi desenvolvido a fim de discutir e refletir as problemáticas da avaliação levando em conta as concepções de avaliação de vários teóricos como: Luckesi (2002), Libâneo (1994), Romão (1999), Paulo Freire (2006), Esteban (2001), Kensi (2004), Hadji (2001), Perremond (1999), Moreto (2001), Demo (2000), Bloom (1984), Haydt (2002), Penin (2012), Sant'anna (1995), Hoffmann (2001), Méndez (1999) como também a observação das atividades aplicadas pelos professores aos alunos para compreender a relação existente entre o discurso e prática.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro capítulo um breve diagnóstico e análise da realidade escolar, onde realizamos estágios supervisionados procurando resgatar historicamente a origem da escola, bem como algumas características sócio econômicas culturais do corpo docente e discente.

No segundo capítulo apresentamos fundamentação teórica que aborda o conceito, importância e concepções da avaliação da aprendizagem.

O terceiro capítulo faz algumas reflexões sobre a avaliação educacional, abordando a avaliação no contexto escolar e a avaliação continuada.

A importância desse trabalho está centrada na busca pelo esclarecimento de um tema tão antigo e frequentemente debatido como é o caso da avaliação. Procuramos levar ao nosso leitor, informações, as quais consideramos importantes, que servirão de pesquisa, para aqueles que queiram refletir um pouco mais sobre esse tema.

1- REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS A RESPEITO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio supervisionado é uma das atividades constituintes dos cursos de Licenciatura Plena de fundamental importância para o formando uma vez que o mesmo traz a oportunidade de se fazer uma conciliação entre teoria e prática relativamente a tudo que se viu e observou durante o curso.

O professor estagiário pode durante o seu processo de intervenção na escola campo de estágio contar com a colaboração da experiência do professor titular como também de outros profissionais da educação, a exemplo de diretores, coordenadores pedagógicos, inspetores, os quais são uma fonte de informações valiosas para o futuro professor que ora está se submetendo a tão esperada experiência de assumir a sala de aula.

É com essas experiências e observações que o professor que está se formando aprende cada vez mais, onde as teorias confrontam-se e dialogam com a prática e conceitos como; Gestão, Educação infantil e Ensino Fundamental, assim como a importância de cada aspecto da organização e desenvolvimento escolar tanto na vida do professor quanto na formação dos alunos ficam mais evidentes.

A escola propriamente dita é, de fato, o laboratório no qual o futuro professor, aluno do curso de licenciatura plena, se encontrará para realizar-se enquanto profissional da educação e que vai aprender o real significado de gestão escolar, em que se deve contar com a participação de todos os profissionais envolvidos, além dos representantes da comunidade.

Foram nestes momentos de estágio que o corpus dessa pesquisa passou a ser construído. Diante de todas as problemáticas e possibilidades de ensino que observava, destaquei como principal interesse dessa pesquisa a avaliação. Mas a avaliação é um processo apenas, integrado a vários outros que compõem a dinâmica escolar. Esta dinâmica será parcialmente descrita nos relatos abaixo.

1.1 Gestão

Realizei, na escola municipal do ensino fundamental, Arão Teodomiro de Sousa, em Brejo dos Santos – PB, o meu estágio supervisionado em Gestão Escolar, onde, na oportunidade pude compreender os mecanismos de funcionamento de uma escola, observando-se pela ótica administrativa, onde se envolve pessoas, alunos, professores,

coordenação, finanças, famílias, projetos pedagógicos, regimentos, entre outras coisas que envolvem a gestão escolar.

O estágio supervisionado do Curso Primeira Licenciatura em Pedagogia PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), teve como base a resolução 14/2005 da UEPB, e como objetivo oferecer uma aprendizagem de uma rotina dentro da unidade escolar, bem como seus métodos de planejamento e estratégias de direcionamento da mesma.

Enquanto permaneci na Arão Teodomiro de Sousa, desenvolvi junto a esta instituição atividades extraclasse, como o projeto de respeito às diferenças, ensinando com formas lúdicas o respeito às diferenças, às formas de vida, a religião, crença, etnia, opção sexual e condição financeira.

Tive oportunidade de assimilar a teoria e a prática, aprendi as peculiaridades e ‘macetes’ da rotina escolar, conheci um pouco do dia-a-dia da escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa, onde pude assimilar tudo aquilo que tenho aprendido e até mesmo aquilo que ainda irei aprender teoricamente.

Neste trabalho tive maior contato com os diversos representantes dos diferentes segmentos de uma escola. Pude ver como um projeto, onde todos tem sua colaboração, pode mudar a rotina da escola, trazendo assim melhorias na vida de todos os envolvidos neste processo de aprendizagem.

1.1.1 Caracterização e contexto histórico da escola

A Escola Municipal do Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa localiza-se à Rua Manoel Andrade de Silva, nº 37 no centro de Brejo dos Santos-PB.

A referida escola tem como objetivo atender aos alunos da educação infantil, ensino fundamental, 1º ao 9º anos e EJA, levando a todos eles uma educação de qualidade, observando o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9.394/96 em seu inciso I do art. 4º “ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.”

Ao longo do tempo a escola passou por algumas reformas, sendo a mais recente a do ano de 2012, também na administração do prefeito Dr. Lauri Ferreira da Costa, a construção de um palco e área coberta a fim de melhorar os eventos escolares.

Atualmente a escola Arão Teodomiro funciona nos três turnos, contando com aproximadamente 400 alunos, tendo como Diretora Geral a professora Janailma de Macena e Silva e Diretora Adjunta, Neci Vieira Gomes; Secretária Escola Elivânia Diniz de Souza;

Supervisora Escolar, Adalgisa Alves Filha; Coordenadora Elaine Klébia Guedes e Psicopedagoga Lídia de Oliveira Neta;

Contando atualmente com 20 professores, e com funcionários de apoio administrativos: 2 inspetores; 1 coordenador da Sala de Estudos; 2 Auxiliares administrativos; 4 vigias; 1 merendeira; 1 auxiliar de merendeira; 5 auxiliares de serviços gerais. Há pouco mais de 4 anos os funcionários passaram por um processo seletivo, portanto concursados. Os professores cumprem uma carga horária semanal de 30h e 99% são graduados e os que não são estão cursando alguma graduação.

Ficou evidente, na referida escola, que é de suma importância se desenvolver uma gestão democrática em que todos se sintam bem acolhidos e também no direito de participar, como é o caso dos pais de alunos e responsáveis, na construção do Projeto Político Pedagógico da Escola, participação nos Conselhos Escolares e outras decisões importantes que fortalecem a gestão democrática na escola.

1.2 Educação Infantil

A educação infantil é uma das etapas iniciais da educação da criança quando esta começa a frequentar a escola. Enquanto estagiária, do curso de Pedagogia, foi muito importante este estágio, uma vez que tive a oportunidade de conhecer mais de perto o universo infantil enquanto professora. Pude perceber a necessidade de um profissional competente e muito responsável para se trabalhar com crianças ainda muito pequenas.

No período de estágio analisei os documentos da Escola Arão Teodomiro de Sousa buscando pontos que especifiquem a programação de atividades escolares, a interação ente profissionais da escola, a articulação com a comunidade etc.

Os documentos analisados, da referida escola, foram o Projeto Político Pedagógico, (PPP)- em anexo, e o plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), onde pude encontrar o histórico da escola, bem como seu quadro de funcionários e desenvolvimento escolar desde sua criação.

O encontro com os gestores e com os professores orientadores do estágio aconteceu na tarde do dia 17 de agosto do decorrente ano na UEPB, e contou com a participação de professores da UEPB e da maioria dos gestores das escolas convidadas. Este encontro foi importante para que os gestores nos dessem orientações sobre a necessidade do estágio e também sobre detalhes da disciplina Estágio supervisionado.

No dia 18 de agosto, foi feito um aprofundamento, pelos professores orientadores,

dos textos, eles compartilharam conhecimentos teóricos da Gestão Escolar e discutiram sobre tal assunto. Primeiramente, todos discutiram aspectos da disciplina e como se daria o estágio, depois disso, separaram-se estagiários de acordo com as cidades, e cada cidade ficou com um orientador que traçaria o roteiro do plano de estágio e elaboraria atividades e solucionaria as dúvidas dos estagiários.

No dia 27 de agosto, na EEEFM Diva Guedes de Araújo, na cidade de Brejo dos Santos-PB, aconteceu o encontro de professor orientador que encaminhou um modelo de questionário para ser aplicado nas escolas, além de debate sobre o planejamento colaborativo com um tema gerador sobre alguma dificuldade enfrentada no campo de estágio a ser definido posteriormente. Todos esses encontros foram importantes para que seguissemos pelo caminho certo, pois os professores nos mostraram como prosseguir com informações valiosas a respeito do estágio supervisionado.

Nessa mesma oportunidade, vale observar o que diz Penin (2012) sobre a gestão e participação na escola, referenciando a construção do Projeto Político Pedagógico:

Uma escola, diferentemente de uma empresa comercial, não pode se contentar apenas com um administrador, mas precisa de um educador que lidere e crie lideranças no percurso de realização do projeto. Se assim forem conduzidas a definição e a realização de um projeto pedagógico, então, ele será sempre coletivo. Ou o projeto pedagógico será coletivo ou ele não será coletivo, neste caso, a força para a sua realização estará enfraquecida. (PENIN, 2012, p. 41)

Nesse sentido, observa-se que, na escola, é necessário que se tenha uma gestão democrática e participativa para que, dessa forma se fortaleçam os vínculos com todos os profissionais da educação e também com a comunidade escolar, levando-se em consideração que a escola é uma instituição em que se prepara o aluno para a vida em sociedade, fazendo com que ele se fortaleça e se sinta capaz de se projetar através do conhecimento.

Nessa perspectiva observou-se a sala do Pré II da Educação Básica, tendo como professora Lúcia de Fátima Dantas, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa na cidade de Brejo dos Santos-PB. A turma é formada por 24 alunos com idades entre 5 e 6 anos. A professora é formada em pedagogia e faz parte do quadro de professores efetivos do município.

Durante o meu período de observação, a professora não apresentou nenhuma dificuldade com a minha presença em sua sala, isso mostrou o profissionalismo da docente, como um momento extremamente importante para nós. Durante todo momento, a professora

demonstrou ser profissional em sua área de atuação. Disponibilizou materiais adequados para as atividades, explicando de forma carinhosa e eficaz.

Pelo que observei a professora tem uma concepção bem atual sobre ensino, mas não deixando de usar diferentes vertentes quando estritamente necessário, ou seja, trabalhando hibridamente o tradicional e o atual em algumas situações, mas na maioria “ajudando” o aluno a construir seu próprio conhecimento: trabalhando as habilidades individuais, respeitando a diversidade e relacionando conteúdo ao cotidiano da criança.

Todos os dias a professora iniciava as suas aulas organizando os alunos em filas e em seguida eles caminhavam alegres para a sua cadeira cantando. Chegando lá a professora fazia uma relação das principais atividades referente a aula daquele dia. Ela trabalhou com os alunos contando a história da “Arca de Noé” e seguida desenhos e pinturas.

Na minha observação acompanhei o trabalho da professora, que em alguns momentos iniciava as atividades com entoações de músicas variadas. Também ela trabalhou com a família silábica do C. Em seguida, os encontros vocálicos, sendo sublinhados nas palavras. Foi trabalhada a escrita dos números de 1 a 8, em ordem crescente e decrescente dos numerais.

Houve discussão sobre os tipos de animais com desenhos sendo destacados através de pintura os animais domésticos. Também foi trabalhado o Dia da Família na escola com listagem dos membros da família. No último dia de aula houve a discussão sobre os alimentos saudáveis e sua importância.

Foi de grande importância observar o trabalho de outro docente durante o estágio, isso nos levou a identificar no outro os pontos positivos e negativos e refletimos sobre a nossa própria concepção de ensino-aprendizagem e prática em sala de aula.

Vejamos o que diz Libâneo (1994) sobre isso:

O trabalho docente é parte integrante do processo e educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades.[...] (LIBÂNEO, 1994, p. 34)

Assim sendo, conforme o pensamento de Libâneo, a educação, seja ela em qualquer modalidade, é fundamental na formação do educando, uma vez que esta prepara o indivíduo para viver melhor e se tornar atuante na sociedade na qual ele está inserido.

1.2.1 Intervenção

No meu estágio supervisionado II aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa na cidade de Brejo dos Santos-PB, numa turma de Educação Infantil, Pré I, com os alunos contando com idades de 4 anos.

A acolhida foi ótima, pela professora e também pela escola, deixando-me mais à vontade para realizar o meu estágio. O meu relacionamento com as crianças apresentou total harmonia, facilitando assim o aprendizado entre as crianças.

As aulas aconteceram conforme o plano de aula, dando continuidade do programa dado pela a professora da sala de aula.

Iniciei a aula com a historinha dos Três Porquinhos, levando os alunos a explorar a capa do livro, e em seguida eles a fazerem antecipação e inferência sobre o que era apresentado. Com exibição de filme, havendo a discussão evidenciando os tipos de moradia, com continuidade de atividades, pedi para os alunos identificarem a vogal e nas palavras retiradas do filme, e a contagem dos porquinhos relacionando os números de 0 a 4.

No roteiro seguinte trabalhei com listagem dos animais domésticos, pintura dos animais domésticos, pintura dos animais domésticos, identificando a vogal “i” maiúscula e minúscula sendo destacada no nome dos animais.

Em arte, a professora deu continuidade ao Projeto “Festas Juninas”, quando na oportunidade os alunos desenvolveram atividades de contos, danças, coreografias, relatos e desenhos. Em cada um dos momentos que passei em sala de aula, procurei criar situações que estimulassem o desejo e o gosto pelas atividades desenvolvidas em sala de aula, trabalhando com eles a partir do conhecimento concreto para então transforma-lo no conhecimento sistematizado. Para trabalhar as diversas áreas do conhecimento, procurei trabalhar de forma interdisciplinar a partir da exibição do filme citado antes, trabalhei com cartazes, mural (desenho, pintura); tipos de moradia (artes, história, geografia); contagem dos porquinhos (trabalhando os numerais de 0 a 4); entoação de musica envolvendo os números; identificação e complementação da vogal em estudo nas palavras ilustradas; listagem dos animais domésticos apresentados no filme e a associação com o animalzinho de estimação dos alunos (matemática, português e ciência).

Acompanhei do início ao fim os alunos, nas realizações de suas atividades dando atenção redobrada para aqueles que demonstravam mais timidez e dificuldade.

Fiz todo um planejamento adequado ao nível da turma, utilizei outras estratégias de ensino além das citadas antes, tais como: brincadeiras, coordenação motora, montagem de

quebra-cabeça para relaxar as crianças e reforçar os laços de amizade entre elas, para que elas juntos realizem a caminhada da aprendizagem e da integração social.

De acordo com Libâneo (1994, p.4), “Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social”.

Entendemos que, para o exercício de uma prática pedagógica eficaz, o professor não encontrará receitas prontas, mas é preciso assumir todos os desafios impostos pelo contexto social que interfere no processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso o compromisso e o carisma pela profissão ajudarão muito a vencer as dificuldades e ter êxito nessa carreira tão cheia de cobranças e responsabilidades pelo futuro de novas gerações que é o exercício do magistério. Assim, vale observar o que diz Freire, 2009:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2009, p. 39).

Na sua formação, de acordo com o pensamento de Freire, o professor necessita de uma reflexão constante durante todo o seu percurso enquanto educador. A profissão de professor exigirá dele, esse pensar crítico o tempo todo, tendo em vista as constantes mudanças pelas quais passa a sociedade e também as reais necessidades dos educandos, as quais se evidenciam em sala de aula e com as quais o professor passa a conviver.

1.3 Educação Fundamental

O presente trabalho de estágio de docência no Ensino Fundamental tem como objetivo, observar como se desenvolve o ensino em sala de aula, de que maneira a professora conduz a aprendizagem, como se processa a apreensão do conhecimento pela criança. Objetiva ainda analisar como é a interação dos alunos com a professora, dos alunos entre si e com o ambiente no cotidiano escolar.

O estágio surgiu como um processo fundamental na formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor. Este é um momento da formação em que o graduando pode vivenciar experiências, conhecendo melhor sua área de atuação de tal modo que sua formação tornar-se as mais significativas, produzindo discussões,

possibilitando uma boa reflexão crítica, construindo a sua identidade e lançando um novo olhar sobre o ensino, a aprendizagem e a função do educador. Vejamos o que diz PIMENTA e LIMA sobre isso: “O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia.” (PIMENTA e LIMA, 2014).

A carga horária do referido estágio foi distribuída da seguinte forma: 20 horas/aulas presenciais; 20 horas/aulas para observação; 30 horas/aulas para planejamento das atividades; 20 horas/aulas para intervenção; 10 horas/aulas para a redação do relatório.

As referidas observações foram realizadas de 12 a 16 de maio de 2014, na sala de aula do 2º Ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lucas Ferreira de Andrade, e as intervenções do período de 26 a 30 de maio na sala de aula do 5º Ano “A” na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa, Brejo dos Santos-PB.

1.3.1 Caracterização da escola e relato de estágio

Escola Municipal de Ensino Fundamental Lucas Ferreira de Andrade

Bairro Alto do Cruzeiro

Brejo dos Santos-PB CEP: 58-880. 000

- Jurisdição: Escola Pública Municipal
- Modalidade de Ensino: Educação Infantil (Pré Escola I eII)

Ensino Fundamental (1º ao 5º)

EJA (1º a 4º série) e Educação Especial (AEE)

- Situação Física (estrutura, conservação do prédio e adequação dos espaços):

A estrutura física da escola vem sendo ampliada a cada ano. A pintura está bem conservada a iluminação é boa e suas dependências são bem arejadas. Temos salas de aula, laboratório de informática, sala de leitura, sala de professores, diretoria, sala de AEE, almoxarifado, despensa e banheiro para funcionários, deixando desejar os banheiros dos alunos, a cantina ou cozinha, pois o espaço é insuficiente e a área recreação não é coberta e não tem piso adequado, ficando assim difícil de realizar atividades recreativas com o aluno.

- Recursos técnicos pedagógicos de que dispõe:

Recursos Técnicos e Pedagógicos: Laboratório de informática, biblioteca, salas de recursos multifuncionais, projeto PROINFO e jogos pedagógicos.

A observação aconteceu na sala do 2º Ano “A”, na Escola Municipal de Ensino

Fundamental Lucas Ferreira de Andrade na cidade de Brejo dos Santos-PB.

A turma é formada por nove alunos com idade entre oito anos. A professora é formada em pedagogia e faz parte do quadro de professores efetivos do município.

Durante a observação a professora não apresentou nenhuma dificuldade para atingir os objetivos como docente no Ensino Fundamental. Pelo que observei, a professora se sentia segura nos seus conhecimentos para trabalhar com os seus alunos, com a interação dos mesmos com a professora, dos alunos entre si no seu dia-a-dia escolar.

Esta instituição me elucidou muito aspectos importantes tanto na relação dos alunos entre o docente, quanto na relação aluno-professor, mostrando-me muito da sua teoria e prática.

Portanto, durante este estágio pude vivenciar diferentes práticas e formas de trabalho com as crianças.

No início da semana de estágio, no primeiro dia, foi muito bem recebida pela professora titular e também pelos demais profissionais de educação na escola, onde, na oportunidade foram apresentados os alunos, cada um pelo seu nome e eu, também me apresentei como professora estagiária. Iniciei as atividades, dando sequência ao programa da professora, e, durante toda a semana fui desenvolvendo as aulas, sempre contando com o apoio da equipe pedagógica da escola e também da professora titular da turma.

Trabalhei com todas as disciplinas do currículo, envolvendo atividades de leitura, interpretação, produção, atividades de Matemática, comtemplei também os conteúdos de Ciências, História e Geografia, Arte, enfim, toda a programação repassada pela professora.

O presente estágio foi uma oportunidade que tive, mesmo já sendo professora, mas certamente foi uma experiência que tive a mais, uma vez que pude conviver com alunos diferentes, de outra escola, colegas professores e conhecer a realidade de outra escola, o que veio enriquecer meus conhecimentos e experiência.

O referido estágio é de suma importância para instrumentalizar o estudante de pedagogia e futuro profissional da educação, para que o mesmo se familiarize com a prática alegre, realizações e sobre tudo, cheio de crianças transbordantes de vida e vontade de aprender.

1.3.2 Intervenção

No meu estágio supervisionado III, aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa em Brejo dos Santos-PB, na turma do 5º ano da

professora Benedita Conrado da Silva, era composta por 20 alunos sendo 10 mulheres e 10 homens. O relacionamento com as crianças foi de total harmonia, pois tive uma boa interação com os mesmos.

As aulas aconteceram conforme o plano de aula, sobre a história do nosso município. Iniciei a aula com oração, roda de conversa na oportunidade de apresentação do projeto; apresentação do hino de Brejo dos Santos e em seguida distribuição da letra; leitura silenciosa, leitura oral pela professora e em seguida pelos alunos; ampliação do vocabulário do uso do dicionário.

No roteiro seguinte trabalhei com entoação do hino, com a discussão coletiva sobre a letra do hino; em seguida divisão da turma em grupos para pesquisa através das dinâmicas formas geométricas; apresentação dos temas a serem pesquisada a cada grupo, dando orientações aos grupos para pesquisa; fazendo a socialização das pesquisas e entrevistas feita pelos alunos. No dia seguinte foi trabalhado com a produção textual feita por grupo de acordo com a turma; confecção de uma maquete do ponto mais importante do município. Exposição dos trabalhos produzidos pelo projeto.

O estágio supervisionado, portanto, constitui-se oportunidade para aluno/professor exercitar a reflexão superando a dicotomia entre teoria e prática. Segundo Freire (1996, p.24) “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teórica/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá blá blá e a prática ativismo”.

Dessa maneira compreende-se a reflexão como um pensamento e ação que ocorre no interior de uma realidade em que está inserida, realidade essa constituída por interesses sociais, culturais, políticas e humanas. Reflexão ainda caracterizada como trabalho coletivo, que pressupõe relações sociais contribuindo para que o professor, no momento de discutir a sua prática pedagógica não relute e fique inseguro, estando apto a produzir novo saberes. Nessa perspectiva, o aluno/professor, durante a atividade de estágio, tem a oportunidade de construir saberes e se aperfeiçoar nesta construção de forma que a sua capacidade para realizar a ação docente torne-se fortalecida. Nesse sentido, afirmam os PCNs (2001):

A postura de acolhimento envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada aluno como o processo de socialização. Valorizar o conhecimento do aluno, considerando suas dúvidas e inquietações, implica promover situações de aprendizagem que façam sentido para ele. (BRASIL, 2001, p. 43).

Conforme afirmam os PCNs, essa postura de acolhimento, valorização e construção de saberes implicam na promoção de situações prazerosas de aprendizagem, constantemente,

é o que deve sempre acontecer na prática de sala de aula, para que, dessa forma, o aluno sente valorizado pelo professor que, na escola, é um parceiro na busca e na construção do conhecimento.

2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 O ato de avaliar: Necessárias reflexões

Diante da mudança acelerada de valores, ocasião em que a escola vem sendo questionada acirradamente, nada mais coerente que a avaliação educacional seja repensada nesse novo milênio. Assim nos afirma Hoffmann:

Acreditamos na necessidade de um novo redimensionamento, muitos pensadores, teóricos e profissionais de educação vêm procurando desenvolver estratégias, baseados numa nova concepção de avaliação educacional, que se diferencia basicamente pelo seu objetivo (HOFFMAN, 2001).

Ainda segundo Hoffmann (2001), a avaliação tem sido expressa nas propostas oficiais e nas experiências contemporâneas, com uma preocupação em superar essa visão de modelo classificatório e retorná-la em seu sentido ético, valorativo, respeitando as diferenças e comprometida com a aprendizagem do ponto de vista individual, levando em consideração a maneira com que cada aluno aprende.

Neste enfoque Silva reforça que:

Cabe ao educador descobrir a forma de aprender de cada aluno e reconstruir sua própria prática pedagógica. Logo, uma avaliação inovadora procuraria não apenas avaliar a aprendizagem, mas também o ensino, uma vez que quanto mais o professor conhece as formas pelas quais os alunos aprendem, melhor será sua interação pedagógica na tentativa de avaliar as competências desenvolvidas por esses alunos, mesmo que esse não seja uma tarefa relativamente fácil. (SILVA, 2002, p.41).

O professor, nessa perspectiva, deve tomar conhecimento dos seus alunos, seus anseios, necessidades, características individuais, e a comunidade na qual eles estão inseridos, para que possa desenvolver o seu trabalho o mais próximo possível da realidade dos mesmos.

Perrenoud (1999, p.16) reafirma que “é mais fácil avaliar conhecimento de aluno do que suas competências”. Para ele, avaliar significa observar o aluno em sua capacidade de pensar e agir com eficácia em uma situação, buscando soluções para enfrentá-la, apoiando em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. É, portanto a mediação entre o trabalho do professor e as aprendizagens do aluno, ou seja, o fio de comunicação entre forma de ensinar e formas de aprender que facilitam o processo aprendizagem. E para isso, é preciso considerar que os alunos aprendem de modo diferente porque tem histórias de vida diferentes, são

sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e sua forma de aprender.

Porém, para se chegar ao que se pensa hoje sobre o processo de avaliação, foi preciso muito estudos e pesquisas, numa tentativa de romper com os modelos tradicionais que concebem a avaliação como a atribuição de notas, classificação seleção, entre outras coisas. Isso não quer dizer que temos hoje em nossas escolas um sistema avaliativo “ideal”, e que essa mudança no método é prontamente aceita por todos os educadores, ao contrário, mudar a avaliação torna-se difícil, justamente porque, antes de qualquer coisa, exige uma mudança na postura do educador tanto em relação à avaliação propriamente dita, quanto à educação e à sociedade e, que muitos educadores, ou por falta de coragem, ou por resistirem às mudanças, considerando-as utópicas, sem fundamento real e sem metas definitivas.

Nesta perspectiva Hadji nos esclarece que:

Falar de utopia promissora é afirmar que a perspectiva de uma avaliação mais formativa é realista, na medida em que a meta é legítima e claramente identificável. Mas também recusar a crença ingênua de que essa meta pode ser atingida sem esforço, como se bastasse decretar a passagem [de uma avaliação somativa] a uma avaliação formativa para que esta se produzisse de súbito (HADJI, p.22).

Se tentarmos levantar os diversos conceitos de avaliação da aprendizagem, certamente encontraremos tantos quantos seus formuladores. É claro que em cada conceito de avaliação subjaz uma determinada concepção de educação. Como o tema ao qual este estudo é direcionado: avaliação no ensino fundamental: uma prática possível, e como suas concepções derivam das concepções de educação, começam por definir:

De acordo com Luckesi (1995, p.9) “a avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão”.

Assim, a avaliação é uma prática que na sua essência, não servirá para reprovar ou medir conhecimento, mas tomar decisões importantes a respeito do progresso dos alunos, suas dificuldades e necessidades de recuperação.

Esteban (2001, p.120) por sua vez, considera que “a avaliação se assume como tarefa para a apreensão das habilidades adquiridas ou em desenvolvimento e busca compreender os processos cognitivos fazendo emergir os traços subjetivos do indivíduo”. Assim sendo, trata-se da oportunidade de se compreender as potencialidades e/ou dificuldades do educando para, melhorar ou progredir.

Segundo Libâneo (1994, p.195) “a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar o processo de ensino e

aprendizagem”. Não apenas uma atividade que, com o tempo, transforma-se apenas no cumprimento de uma exigência da escola.

Para Hoffmann (2001, p.65) “a avaliação é uma ação sistemática e se constitui no cotidiano da sala de aula, intuitiva, mas sem deixar de ser planejada e sistematizada”.

Por isso, não se avalia apenas no final de cada etapa, como sendo: bimestre, semestre ou final de ano, é preciso ter consciência de que o trabalho avaliativo deve acontecer constantemente para que se possa se ter mais consciência do trabalho, sua evolução e detectar também os “erros” para melhorá-los.

Por fim Romão (1999, p.81) “diz que a avaliação implica deliderabilidade, sendo, portanto, subjetiva por ser referenciada em valores de determinada época, sociedade ou classe social”.

Conforme as definições expressas, constatamos a unanimidade dos autores em considerar a avaliação um processo e conseqüentemente uma conjunção que imprime dinamismo com um trabalho escolar, pois diagnostica uma situação que permite modificá-la de acordo com as necessidades detectadas.

A avaliação é uma janela por onde se vislumbra toda educação. Quando indagamos a quem ela beneficia, a quem interessa, questionamos o ensino que privilegia. Quando o educador se pergunta como quer avaliar desvela sua visão de escola de homem de mundo e de sociedade.

Nesta perspectiva Perrenoud 1999 nos esclarece que “mudar a avaliação significa, provavelmente, mudar a escola”. Segundo o autor a avaliação da aprendizagem não é um processo isolado, é associada e integrada com todos os segmentos da comunidade escolar, ou seja, ela abrange o currículo como um todo (saberes, competências, representações, tendências, valores transmitidos nas práticas pedagógicas e nas situações de escolarização).

Em consonância com a ideia de Perrenoud (1999), Mere (2001, p.47) a avaliação terá seu sentido autêntico e significativo se tiver articulação com o Projeto Político Pedagógico da Escola. Valendo ressaltar que no processo de avaliação há um foco no todo, no coletivo, mas há também outro, nos dois protagonistas principais, que são o professor e o aluno.

Em meio a tanto estudo, hoje entendemos que mudanças profundas ocorrem nas pedagogias e conseqüentemente nas práticas avaliativas, mudanças estas que colocou nas mãos dos educadores um grande desafio, que para muitos se torna impossível, pois existe uma gama de conceitos de avaliação, e atrelados a esses conceitos práticas pedagógicas inovadoras que dificultam o entendimento por parte da maioria dos educadores por estarem bitolados a uma prática pedagógica que prioriza a transmissão e memorização de conteúdos,

empobrecendo o universo cultural dos alunos.

Para os educadores a avaliação tradicional é o melhor método de listar os alunos pela quantidade de conhecimento que eles dominam, isto é, se os alunos memorizam ou não os conteúdos transmitidos. A esse respeito Hoffmann esclarece:

Nessa abordagem o professor se posiciona como um “policia1 ou detetive”, e as provas e as notas funcionam como rede de segurança em termos de controle excessivo pelo professor sobre o aluno, controle esse que parece não garantir um sistema de ensino de qualidade (HOFFMANN, 2001, p.32).

Por tratar-se de uma atividade ética, nenhuma outra prática escolar é tão dogmática conservadora quanto à avaliação. Mas estamos em tempo de fazer apostas e criarmos estratégias para enfrentar o desafio ético de igualdade de oportunidade em aprendizagem. A plena consciência das finalidades em avaliação favorecerá a escolha consciente de estratégias de ação pelos professores e não imposição de metodologias. Não se pode discutir avaliação pelos seus meios, mas pelos fins que a justificam.

Os estudos contemporâneos apontam novos rumos teóricos, tendo como referencial básico o papel interativo do avaliador no processo, o que passa a conferi-lo um grande responsabilidade. Os professores ao inovar sua prática, devem estar conscientes das concepções que regem suas ações. Os processos avaliativos tendem em todos os países do mundo, a adequar-se aos novos rumos, com práticas sendo repensadas pelos professores nas salas de aula, estudos e pesquisas desenvolvidos pelos teóricos.

Programas de qualificação passam a exigir o engajamento de cada professor nessa discussão, pois os ensinamentos teóricos, apresentação de novos preceitos métodos lógicos não vão garantir, por isso só, a compreensão e a tomada novos rumos exige uma reflexão conjunta pelos avaliadores e todos os envolvidos.

O grande dilema é que não há como “ensinar melhores fazeres em avaliação”, esse caminho precisa ser construído por cada um de nós, pelo conforto de ideias, repensando e distinto, em conjunto, valores, princípios e metodologias em avaliação.

Nesta linha de pensamento, Enéas e Vale (2000, p.184), nos esclarece que “ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la e criar condições objetivas para que uma educação democrática seja possível”.

Avançamos lentamente, é foto, mas houve conquistas importantes em termos de uma maior reflexão de um maior número de experiências por escolas e professores. Passo a passo, a discussão amplia-se, professor por professor, escola por escola em cada comunidade, em todo o país. Dessa forma ao reunir professores, escolas e comunidade para discutirem a

avaliação, desencadeiam-se e dinamizam-se processos de mudança muito mais amplos do que a simples reformulação de práticas.

A reflexão conjunta sobre os princípios fundamentais à avaliação nas escolas favorece a convivência com diferentes perspectivas individuais ampliando a compreensão coletiva sobre as dimensões de ser escola, do ser educador e do ser educando.

2.2 Tipos de Avaliação

A avaliação da aprendizagem é um processo contínuo e sistemático que faz parte de um sistema amplo, que é o processo ensino-aprendizagem. Por isso, ela não tem fim em si mesmo, é sempre um meio, um recurso, e como tal deve ser usada. Não pode ser esporádica ou improvisada ao contrário deve ser constante e planejada, ocorrendo normalmente ao longo de todo o processo, para reorientá-lo e aperfeiçoá-lo.

De acordo com suas funções e emprego, a avaliação apresenta diferentes tipos dos quais abordaremos a seguir:

2.2.1 Diagnóstico

A avaliação diagnóstica está relacionada a uma metodologia do diagnóstico. Tem como propósito realizar um levantamento dos conhecimentos prévios, com o objetivo de fornecer, ao professor, elementos que lhe permitam adequar o planejamento à prática educativa. Outra forma é verificar se existem alunos que já possuem o conhecimento e as habilidades previstas a fim de orientá-los a outra oportunidade, novas aprendizagens, sobre isso afirma o autor:

A avaliação como diagnósticos, usadas antes do ensino, deve atender aos propósitos de verificar os alunos que não possuem habilidades, pré-requisitos ao assunto a fim de que o ensino de recuperação coloque-os em situação de trabalhar visando o desejado; verificar os alunos que já alcançaram os objetivos a serem desenvolvidos, permitindo-lhes aprofundar o assunto (RAMALHO 1986, p.23).

Portanto, é necessária a avaliação como diagnóstico durante o processo de aprendizagem, porque é através da avaliação diagnóstica, que o aluno pode vir apresentar dificuldades. Caso afirmado, o professor proporciona-lhes recuperação, modificando sua metodologia de ensino e materiais didáticos, atendendo individualmente, mesmo assim se o aluno continua com dificuldades, será necessário um acompanhamento para identificação das

causas das repetidas falhas na aprendizagem. As causas podem não estar ligadas ao método usado pelo professor, mas há problema de natureza física, emocional, social e cultural. Sendo assim, a avaliação como diagnósticos pode extrapolar a esfera de ação do professor e solicitar a cooperação de outros especialistas como médicos, orientadores educacionais, psicólogos etc.

2.3 A Avaliação Somativa

A avaliação somativa é conhecida como clássica, tem por objetivo refletir os resultados obtidos em momentos específicos, traduzindo, de forma breve, codificada, o quanto de uma meta foi atingido. Caracterizam-se por controle, padronização e classificação por atribuição de graus ou nata.

O professor terá que utilizar no início do processo ensino aprendizagem, o teste diagnóstico para verificar os pré-requisitos do que vai ser ensinado, cada aluno será focalizado no ponto de partida para sua aprendizagem. No decorrer do processo ensino aprendizagem, usará a avaliação a fim de ver se os alunos estão atingindo os objetivos, recuperando as falhas e modificando sua metodologia de ensino.

A avaliação não surge para punir, mas para verificar se aquilo que foi planejado e executado foi realmente absorvido em relação às mudanças e ao comportamento dos alunos.

Os avaliativos somativos, ao trabalharem com sequencia de ensino já terminados, devem ser mais prudentes na aplicação de padrões de apreciações. Tipicamente as cisões de ação seguirão o trabalho de avaliador somativo. Por exemplo, a compra de um livro-texto B, eliminar um plano de ensino para preservá-lo. Por isso, os avaliadores somativos frequentemente tem recursos para produzir tarefas de alunos aleatoriamente, no seu trabalho, o planejamento das atividades de grupos uma vez que tais procedimentos permitem interferências mais defensáveis (MOLINA, 2001).

A escolha de um ou outro instrumento de avaliação deve ser feita tendo-se em vista os objetivos de cada aluno. Não será de tanta importância saber se deve testar ou avaliar as condições de um aluno, contanto que determinemos seu progresso ou diagnostiquemos seu problema.

Os resultados de avaliações somativas só devem servir para diagnóstico quando se dispõe das provas para serem analisadas e interpretadas.

Muitos educadores veem a avaliação como um instrumento absolutamente classificatório, atribuindo notas e fazendo julgamentos de valores. Nesse sentido afirma Moreto *apud* Bradfield e Moredock:

Avaliação é o processo de atribuição de símbolo a fenômenos com o objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica. (MORETO, *apud* BRADFRIELD & MOREDOCK, 1963, p.1).

Esta afirmação reflete claramente uma postura classificatória, pois consideram a avaliação como um julgamento de valor, com base em padrões consagrados e tomados previamente como referência.

O conceito de avaliação da aprendizagem que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessitam ser redirecionado. Atividade avaliativa deveria voltar-se para uma visão diagnóstica, na qual deve passar por um processo de verificação e pesquisa das mudanças de estratégias e instrumentos que interferem na condução do processo educativo. Ao mesmo tempo, a avaliação deve servir como instrumento do processo de tomada de decisão dos “agentes escolares”, os quais devem trabalhar em função de um projeto pedagógico que se comprometa com a aprendizagem dos alunos.

2.4 Avaliação formativa

A avaliação formativa ocorre quando durante o processo ensino aprendizagem, incluem-se instrumentos rápidos, visando verificar a ocorrência da aprendizagem.

A avaliação formativa busca basicamente identificar insuficiências principais em aprendizagens iniciais à realização de outras aprendizagens. Providenciar elementos para que de maneira direta, orientar a organização de ensino aprendizagem em etapas posteriores de aprendizagem corretiva ou terapêutica. Nesse sentido, deve ocorrer frequentemente durante o ensino (BLOOM, 1984, p.38).

Assume caráter contínuo e sistemático, visando à regulação do ensino e da aprendizagem. Este tipo de avaliação tenta contribuir para o sucesso dos alunos e o desenvolvimento possível das suas competências, além de valorizar a responsabilidade do sistema e do docente nos resultados obtidos. Ela oferece a recuperação paralela. Sendo contínua, mostra as falhas no momento em que elas ocorrem, dá ao professor e alunos oportunidades de uma nova chance. Assim sendo, a avaliação não está aí para medir ou reprovar, mas para ir de encontro às dificuldades e conseqüentemente às possibilidades de recuperações.

3. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: ALGUMAS REFLEXÕES

Procurando dar continuidade a interpretação das definições do conceito de avaliação, desejamos enfatizar a diferença entre testar, medir e avaliar. Os testes são instrumentos de medida. A partir da constatação de que, embora sendo ótimos instrumentos de verificação, os testes não satisfaziam a todos os propósitos da educação, novos instrumentos de medida foram buscados: observação sistemática, escalas desclassificação (SANT'ANNA, 1995, p.31).

Medir é determinar a extensão, as dimensões, a quantidade, o grau ou capacidade em termos de ensino e aprendizagem, a atribuição de valores segundo determinada regra anteriormente estabelecida, para Hoffmann (2001), “nem sempre é possível; visto que os resultados educacionais envolvem não só quantidade, mas qualidade”. Passou-se então, a partir desta constatação, a utilizar-se da avaliação.

Os resultados da avaliação são expressos em julgamentos, descrições e opiniões e se processam na interpretação dos resultados de testes e medidas. Isto inclui não apenas conhecimento do conteúdo da matéria, mas também atitudes, interesses, ideias, hábitos de trabalho, modo de pensar e agir, bem como a adaptação social.

A avaliação é um processo pelo qual se procura identificar erros e progressões. Em caso de erros, procurar corrigi-los, em caso de progressões, seguir em frente, rumo aos objetivos propostos. As definições nos levam a concluir a importância da avaliação no sistema escolar, pois é através da mesma que o professor e a escola verificarão se os objetivos do ensino e do sistema foram alcançados. Constatamos também que, como processo, a avaliação apresenta características de continuidade, temporalidade, totalidade, organicidade e orientação para fim, ou seja, se fundamenta em pressupostos teóricos e práticos (LIBÂNEO, 1994, p.203).

Sant'Anna (1995, p.17) enfatiza que avaliar significa “expressar fé, incentivo, coragem e não rótulos, agressões, muros, grilhões, prisões que impeçam o indivíduo de continuar aprendendo”.

Estudar avaliação não significa estudar teorias de medidas educacionais e tratamentos estatísticos. A elaboração de instrumentos e registros de avaliação é a imagem de um trabalho, refletem o significado da avaliação que devem ser discutidos. Na avaliação, algumas ações desencadeiam outras ações, outros estudos. Alguns professores acabam conquistando outras parcerias em suas tentativas.

Os fundamentos de uma ação avaliativa ultrapassam estudos sobre teorias de avaliação e exigem o aprofundamento em teorias de conhecimento, bem como estudos

referentes a áreas específicas de trabalho de professor. Aprofundar-se em avaliação na disciplina de Língua Portuguesa exige, por exemplo, discutir a avaliação, discutir como se dá o conhecimento em crianças, jovens e adultos, discutir como se dá o conhecimento da língua.

Antes de qualquer coisa, temos de ser conscientes que a avaliação está presente em todas as atividades humanas. Quando pensamos na escola e na nossa prática pedagógica, não como dissociar delas a avaliação.

Em relação a isso Sant'Anna, (1995) nos adverte que:

A avaliação deverá revelar se o conteúdo sistematizado e a autoridade do saber do professor, no intercâmbio com a experiência de vida, o saber até então construídos e a capacidade de construir conhecimento do aluno, atingiram o nível pretendido por ambos, através de constantes feedbacks, isto é em nenhuma etapa exclui-se avaliador e avaliando do compromisso de ser o próprio agente de decisão e o responsável pelo processo educativo. (SANT'ANNA, 1995, p.8).

A cada vez fica-nos mais claro que a avaliação está intimamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem e funciona como um termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é a alma do processo educacional.

Como educadores, temos nos questionados quase sempre sobre o tema avaliação. Todos unanimemente concordam quanto a sua necessidade, mas ao mesmo tempo comentam sobre sua complexidade. Tanto educadores quanto educandos reconhecem o significado de valorar os resultados ou suas expectativas, seja qual for o aspecto da vida em que estejam envolvidos. Estamos empenhados em detectar quais as melhores razões que justificam a inclusão da avaliação na instituição escolar. (HOFFMANN, 1993, p.119).

É indispensável verificar a extensão das capacidades aprendidas, ou seja, confirmar a aprendizagem do estudante. Embora possamos contar com uma tecnologia avançada, parece que ainda temos total segurança da eficácia de alguns modelos avaliativos. Sabemos a importância da avaliação no processo educacional, porém nos detemos diante do desafio de promovê-la a ponto de contemplar as individualidades dos nossos alunos.

A vertente qualitativa da avaliação introduz aspectos que levam a uma mudança epistemológica. Embora a prática pedagógica permaneça delimitada, observamos o movimento de denúncia da insuficiência para responder às demandas cotidianas, coexistindo com o outro que opera no sentido de sua reconstrução teórica, a partir da reflexão sobre a

produção do conhecimento (HAYDT, 2002, p.13).

Falar em avaliação dos nossos atos diários, da nossa situação financeira, isso significa refletir para mudar, para tentar melhor nossas vidas. Fazemos isso todo dia, todo tempo, sem programações ou registros formais sobre nossos descaminhos até então:

Tentamos várias vezes descobrir melhores soluções para um determinado problema e amadurecemos a partir de algumas tentativas frustradas. Por que não avaliarmos em nossas escolas, da mesma forma que avaliamos os nossos atos diários? Hoffmann (1993, p.186) nos esclarece que: “A avaliação na escola carrega um significado muito diferente da avaliação em nosso dia-a-dia. Através da formalização do processo, perdeu-se o bom senso e a simplicidade em relação ao seu significado”.

Assim enfatiza a autora, com toda a discussão sobre esse tema, vemos como compromisso além do aprofundamento teórico, resgatar a logicidade dessa ação na escola, aproximando-a do sentido que atribuímos a ela como seres humanos. Se a avaliação na vida tem gosto de recomeçar, de partir para melhor, de fazer muitas outras tentativas, por que, na escola, se mantém o significado sentencioso, de constatação, prova de fracasso, classificação?

Para ela, sua rigidez sua formalização secular, obstaculiza a espontaneidade natural ao processo. Espontaneidade, no sentido de perceber a avaliação inerente ao cotidiano do professor, de valorizar as dúvidas com etapas no desenvolvimento, entender que a relação que se estabelece via avaliação é absolutamente natural na convivência entre os homens.

A redefinição da teoria e da prática da avaliação escola, só se tornará possível dentro de um processo de reconstrução do sentido e da ação da produção de conhecimento em sua totalidade. No que diz respeito à avaliação, a busca de cientificidade tem sido um dos marcos central. A negação do senso comum e a aceitação do conhecimento científico como único e legítimo, resultam de uma determinada visão que não indaga seus próprios fundamentos (LIBÂNEO, 1994).

Para o autor, redimensionamento do conceito de avaliação escolar, articulado pelo compromisso com a democratização do ato pedagógico, tem como característica ser uma atividade mais participativa, desenvolvida através de um processo contínuo.

Deste ponto de vista, a teoria sobre a avaliação precisa assinalar, para a atividade docente, estratégias que possam ajudar alunos e professores a compreender e intervir no processo coletivo de construção do conhecimento.

A ação avaliativa se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. Com relação a isso, Hoffmann (1993, p.150) nos acrescenta que “Refletir em conjunto com o aluno sobre o objeto

do conhecimento, para encaminhar-se à superação, significa desenvolver uma relação dialógica, princípio fundamental da avaliação”.

Por outro lado, percebe-se que há certa dificuldade para alguns professores, em contribuir para a transformação de sua prática, que se constitui fortemente pela sua história de vida, e revelam posturas pedagógicas que nada mais são do que o reflexo de sua insatisfação, de sua postura de vida.

Porém, com todas as dificuldades enfrentadas pela categoria, vemos que há professores que assumem uma postura profissional diferente. A esse respeito, Luckesi (2002, p.155) nos deixa claro que: “Podemos romper com nossas limitações auto impostas, fazer mudanças enormes e descobrir nossas habilidades as quais nunca antes imaginávamos possuir”. Assim sendo, para o autor, a avaliação é um momento de decisões acertadas, não se destinando a um julgamento definitivo sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão.

Infelizmente, por nossas experiências histórico-sociais e pessoais, temos dificuldades em assim compreendê-la e praticá-la. Dessa forma, avaliar é um investimento na transformação na consciência, através da desconstrução, construção e reconstrução do conhecimento. (SANT’ANNA, 1995).

Segundo a autora, papel do professor nesse processo é educar, e educação é sinônimo de fé, amor, sabedoria, ação, participação, construção, transformação, problematização, criação e realização, é uma forma de libertar o aluno e o professor da escravidão dos dados estatísticos, pois para ela, nem tudo pode ser comprovado estatisticamente.

Trabalhar em prol de uma redefinição em avaliação é a meta de todo mestre ou profissional em educação. Não fugindo a regra tomamos a decisão de, a partir de nossa vivência propor caminho para melhoria na avaliação nas nossas escolas. Propondo, a partir de uma visão ampla e ao mesmo tempo sintética a reflexão de alternativas que melhor se adéque as necessidades de cada grupo de trabalho, tendo em vista a individualidade de cada membro envolvido nesse processo.

Cremos que repensar os princípios da avaliação que regem uma instituição educacional pode ser sim, um primeiro passo para transformá-la, porque exige discuti-la em seu conjunto: valores, organização curricular, preceitos metodológicos, visão política e comunitária.

Ao discutir a prática avaliativa, cada professor enuncia concepções próprias a cerca da vida, da educação, do educando. E hoje, mais do que nunca, percebemos que a grande maioria dos educadores está imersa nessa discussão. Não há tomada de consciência que

influencie uma ação. Repensar a avaliação auxiliará de maneira preponderante, a transformação da realidade avaliada.

3.1 A Avaliação da aprendizagem no contexto escolar

A avaliação desenvolvida durante o processo de ensino aprendizagem deve esta vinculada a um projeto educativo mais amplo que, na sua elaboração a nível de escola deve contar com a participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais e representantes da comunidade onde a escola está inserida. Como afirma Kenski:

O projeto educativo desenvolvido na escola deve ter como premissa básica o alcance de objetos que correspondam aos interesses e necessidades dos alunos, garantindo-lhes instrumentos que possibilitem o acesso aos conhecimentos necessários à formação de uma consciência crítica que os liberte da fragilidade e importância do poder da dominação (KENSKI, 2003, p.136).

O professor vai estar então, comprometido não apenas com a simples transmissão de um saber elaborado que os alunos se limitam a estudar e a esquecer. Seu compromisso vai estar ligado a um processo complexo por onde este saber vai ser adquirido pelo aluno de forma crítica, relacionado com o seu universo de experiências, procurando novas soluções para velhos problemas, de forma questionadora, procurando formas criativas competentes de fazer as mesmas coisas. Por isso, as tarefas de avaliação de aprendizagem não deveriam ser isoladas elas deveriam fazer parte do cotidiano dos alunos e não deveriam ser avaliador, apenas, com momentos isolados e desvinculados da realidade diária de sala de aula. Sobre isto comenta:

A avaliação efetiva vai dá durante o processo, nas relações dinâmicas de sala de aula que orientam as tomadas de decisões frequentes, relacionadas ao tratamento do conteúdo e a melhor forma, compreensão e produção do conhecimento pelo aluno (KENSKI, 2003, p.137).

Para que isso ocorra, faz-se necessário que o professor esteja permanentemente atento as alterações de comportamento dos alunos. Que haja um clima favorável à participação de todos em sala de aula. Que os alunos não se sintam reprimidos e possam manifestar suas dúvidas, inquietações e incompreensões quanto ao que está sendo aprendido. Dessa interação vão surgir condições mais efetivas para que ambos sejam capazes de se avaliar, de avaliarem o conteúdo em questão e de tomarem decisões quanto ao

prosseguimento do processo de ensino aprendizagem. Portanto, é preciso ressaltar que a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensino. Se a abordagem seguirá a mesma orientação. Nessa linha de pensamento a avaliação de aprendizagem é considerada um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas. A este respeito Moretto nos diz:

A perspectiva construtivista sócio interacionista propõe uma nova relação entre professor e aluno e o conhecimento. Ela parte do princípio que o aluno não é um simples acumulador de informações. Ele é construtor do próprio conhecimento. Essa construção se dá com a mediação do professor numa ação do aluno que estabelece a relação entre suas concepções prévias e o objeto de conhecimento proposto pela escola. (MORETTO, 2001, p.95).

Assim, fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criados pelo professor. Por isso dizemos que cabe a este o papel de catalisador, mediador e facilitador do processo de aprendizagem e pesquisador já que a avaliação é um processo de investigação intimamente ligada a pesquisa e a reflexão sobre várias dimensões do desenvolvimento humano são contempladas realizando uma educação inclusiva e respeitadora do processo individual de cada um.

3.2 Avaliação Continuada: práticas e possibilidades

O processo de avaliação deve ir acontecendo ao longo de todo o trabalho do professor, na escola. Buscando sempre diagnosticar as dificuldades de aprendizagem dos alunos dia a dia, é uma forma de continuamente desenvolver o processo de avaliação de forma muito mais proveitosa na prática escolar. Nesse sentido afirma Hoffmann, 2003:

O resgate do cotidiano, em avaliação exige, portanto, um tempo de “deixar falar”, tempo de relatar situações, contar histórias, sem a delimitação de objetivos previamente estabelecidos, temas a “priori” determinados, análises críticas imediatamente feitas. (HOFFMANN, 2003, p. 143).

De acordo com Hoffmann, podemos compreender que a atividade de avaliar não é uma atividade que venha a se realizar ao final de uma unidade, um semestre ou apenas do ano letivo escolar, mas que se faça presente a cada dia no ambiente escolar, acompanhando o trabalho do professor e o progresso dos alunos no processo de aprendizagem.

Como afirma Libâneo (1994):

Na prática escolar cotidiana, a função de diagnóstico é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e a que dá sentido pedagógico à função de controle. A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas. LIBÂNEO, (1994, p. 197).

Como se pode observar, de acordo com as ideias de Libâneo (1998), a avaliação acontece, ou melhor, deve ir acontecendo ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, para que, dessa forma, se cumpra o verdadeiro sentido da avaliação na escola.

É possível, através de atividades escolares de avaliação bem definidas, planejadas e com objetivos bem claros, diagnosticar dificuldades e desenvolver possibilidades de recuperação dessas dificuldades durante todo o percurso escolar, pois dessa forma, é mais fácil se ter, na escola, um projeto de ensino mais humanizado, quando se pensa no crescimento do educando, desenvolver possibilidades de criatividade e valorizando a autoestima dos alunos, sem pensar em reprová-los pelo fato de apresentarem dificuldades de aprendizagem, uma vez que os educandos têm garantidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96), o direito de recuperação das suas dificuldades de aprendizagem. Ainda nesse sentido, vale destacar o que diz Kenski, 1998:

Ao assumirmos que o ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida humana estamos admitindo que ele também esteja presente em todos os momentos vividos em sala de aula. O dia a dia da sala de aula não se separa da cotidianidade de cada um dos indivíduos que aí se relacionam. O ato de avaliar está sempre presente, portanto, nos momentos desfrutados pela classe. Kenski, (1998, p. 133).

A partir dessa ideia, fica evidente que durante todo o processo de aprendizagem, professores e alunos estão envolvidos no processo avaliativo, processo esse cujo objetivo é melhorar as práticas de aprendizagem constantemente no cotidiano escolar e progredir uma vez que ambos estão refletindo sobre erros, possibilidades de melhoria e aprendizagem constantemente.

É nas práticas possíveis de ensino e aprendizagem, cotidianamente, que se é possível desenvolver um trabalho que possibilite ao educando o seu crescimento e formação crítica, já nas séries iniciais da educação básica, através de práticas que o levam ao aprendizado significativo sem empecilhos que o faça desistir ou para no meio do caminho, como é o caso da avaliação cujo objetivo é apenas a seleção e a medição de quem sabe ou não sabe, restando

para esse educando a terrível reprovação e, desta forma, o atraso escolar ou o desestímulo de uma educação seletiva.

Como tão bem coloca Paulo Freire (2009):

Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto igualmente do aluno, a que quase sempre ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo, que ao ser “educado”, vai gerando a coragem. (FREIRE, 2009, p. 45).

Assim sendo, o educador é convidado a cotidianamente refletir sobre a sua prática docente, compreendendo que existe um significado muito importante nas decisões que ele toma durante todo o seu trabalho em sala de aula, que a educação deve levar o aluno ao pleno desenvolvimento de suas capacidades cognitivas para que possa se tornar em breve um cidadão livre e que possa também ter o mesmo desejo de liberdade para com os outros. Por isso, a atividade docente é muito mais que ensinar ou avaliar/reprovar, mas participar juntamente com os alunos de um processo de construção do conhecimento em que ambos sintam-se capazes de crescer a cada dia sem empecilhos ou atividades que possibilitem a exclusão ou os faça desacreditar na capacidade que cada um tem dentro de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esse estudo é imprescindível enfatizar que o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade, amplia-se ainda mais no decorrer desse milênio, apontando para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes do seu papel social.

Considerando essa afirmação, percebemos que em nossas escolas esse despertar tem ocorrido lentamente. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência em processo científico e avanços tecnológicos, que definem novas exigências para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho.

Diante desse contexto faz-se necessária uma reflexão dos conteúdos trabalhados nas escolas e, sobre tudo, das práticas adotadas no processo educativo. Na verdade, trata-se de um esforço na tentativa de compreender a ação docente na perspectiva da construção do conhecimento.

Desse modo, muitos fatores contribuem para que o ensino em sala de aula deixe de cumprir essa função de construção de conhecimento, uma vez que, ainda é pautada por elementos tradicionais, que por sua vez, não preenchem as necessidades apontadas no processo.

Por isso, vale ressaltar a importância da ação do professor frente a todas as dificuldades, pois como tal, ele é o mediador do processo de ensino aprendizagem e, para tanto, precisa pautar o seu trabalho em instrumentos que possam favorecer o crescimento do educando.

Nossa discussão focalizou um desses instrumentos como peça fundamental para o processo educativo que é a avaliação da aprendizagem escolar.

Identificamos uma dissonância referente ao discurso e a prática do contexto estudado. Levando em consideração Freire (1998, p.98) de que não é o discurso, a oralidade, o que ajuíza a prática, mas ao contrário é a prática que ajuíza o discurso.

Apontamos que os professores em sua maioria norteiam sua prática, baseados em um modelo de avaliação que não se mostrou pautado em elementos que favoreçam o desenvolvimento de uma prática avaliativa formativa, na perspectiva diagnóstica, o que não estimula uma aprendizagem significativa em nossos alunos. Para eles, a avaliação se constitui por uma apreciação quantitativa, é apenas uma forma de testar e medir os aspectos e não aponta as reais dificuldades, pois não sugere qualquer encaminhamento.

Por outro lado, a avaliação diagnóstica propicia ao professor uma visão geral do processo, auxiliando-o na retomada do trabalho sempre que os objetivos não foram atingidos. Através dela, o professor dela não só avalia o aluno, como também se auto avalia, procurando sanar suas falhas durante a condução do processo.

Assim chegamos à conclusão de que, enquanto a avaliação for encarada como uma forma classificatória, de medida e punição, os professores não conduzirão o processo educativo para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente o educando será mais uma vítima desse tipo de avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, B. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São paulo: Pioneira, 1984.
- DEMO, Pedro. **Ironias da Educação: mudanças e contos sobre mudanças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar**. Rio de Janeiro: DPA&A, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: 6ª ed. Ática, 2002.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora – Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 26 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.
- KENSKI, Rafael. **O mundo google, Revista Superinteressante**. Edição 201, Junho, 2004.
- KENSKI, Vani Moreira. Avaliação da Aprendizagem In VEIGA, Ilma P. A. (Org.) **REPENSANDO A DIDÁTICA**. 13 ed. Campinas – SP: Papyrus, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova- um momento privilegiado de estudo-não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliação novos desafios**. Revista Pátio: Porto Alegre: ano: 19 n°34, p.24.
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Didática e Cultura: O ensino comprometido com o Social e a Contemporaneidade, In CASTRO, A. D. de; CARVALHO, Ana M. P. de. (Org.) **Ensinar a Ensinar – Didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANT’ANNA, Ilza Martins. **POR QUE AVALIAR? COMO AVALIAR? Critérios e instrumentos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.